

Rússia: do Comunismo ao Federalismo

Therezinha de Castro*

O artigo apresenta uma análise sintética do desempenho de um dos principais protagonistas da História do século XX.

Os grandes impérios coloniais formados a partir do século XVI teriam sua liquidação teórica em nossos dias. As metrópoles europeias – Portugal, Espanha, França e Inglaterra não detêm mais os territórios que ocuparam nos vários continentes. O último a desmoronar, o *Império Russo* ou *Soviético*, diferia dos conjuntos ultramarinos, quanto ao posicionamento, posto que *os oceanos não separavam suas várias nacionalidades*.

Guardadas as devidas idades cronológicas, *repetiu-se com o Império Russo o fenômeno do Império Romano*, onde até o governante,

czar, era corruptela do imperador, Cezar. Foi na segunda metade do século XV, entre as numerosas formações geopolíticas russas (ducados, kanatos e até repúblicas) que o *Grão Ducado de Moscou*, tal como Roma na antiguidade, se revelaria como o mais poderoso, transformando-se no *núcleo geohistórico* do vasto império, ao se instalar, em 1462, na Europa Central.

A Rússia passava a formar seu *império terrestre* no momento em que os países atlânticos europeus criavam seus *impérios ultramarinos*. Os espanhóis conquistavam a América, desde o México até o Chile, numa dorsal envolvendo o Pacífico, enquanto a Rússia procurava

atuar no estratégico Báltico, espalhando-se pelo Ártico até as portas da Sibéria. De 1533 até 1689, quando a colonização do Brasil ainda se circunscrevia à nesga marítima delimitada por Tordesilhas e os Estados Unidos eram simples núcleos comerciais esparsos no litoral atlântico, a Rússia avançava na direção do Cáspio, Lago Baikal, todo o litoral do Ártico e trecho do Pacífico.

Comparativamente, o *expansionismo russo*, marcado pelas facilidades oferecidas pelas planícies, seria bem mais rápido que o crescimento territorial do Brasil e dos Estados Unidos, encurralados no litoral atlântico e para ele atraídos pela navegação, na Revolução Comercial.

* Professora. Do Corpo Permanente da ESG.

A expansão russa foi *essencialmente superficial*, caracterizada pela ocupação de territórios em busca de riquezas, entre as quais pedras raras e ouro. A *marcha para o leste* realizada pelos russos, de certo modo, apresenta certas analogias e variados contrastes com a expansão portuguesa para o oeste americano.

Na expansão para o oeste, os portugueses tiveram confrontos com tribos indígenas e espanhóis. Indo para o leste, não precisando lutar contra os cossacos,² o fator negativo para os pioneiros russos seria imposto pelo *poder da distância e inclemência do deserto* (1581-1636).

Na América, os portugueses com suas Bandeiras, graças e união das monarquias ibéricas (1580-1640), anexavam vasto *hinterland*, muito embora mantivessem sua colonização bem mais ligada ao litoral atlântico; daí o desafio geopolítico que a integração de áreas continentais marginalizadas ainda hoje nos impõe. Conquistada a *Sibéria*, seu núcleo central manter-se-ia também

² Caberia ao cossaco Yermak mostrar o caminho da Sibéria, que levaria o russo Dechnev ao Pacífico.

ilhado tanto econômica como culturalmente, já que a *colonização russa esteve limitada a estreita faixa de litoral no Pacífico*, onde havia solo fértil com suficiente pluviosidade para a atividade agrícola. Assim, a *Rússia Asiática* se mantém como *área geopolítica neutra*, com um coeficiente populacional relativamente baixo, fazendo da *Transiberiana* (Moscou-Vladivostok) o verdadeiro "cordão umbilical" que a une à *Rússia Européia*.

Ante o deserto gelado, cercado por *mares frios*, o ímpeto russo para atingir as *águas quentes do sul* seria marcado por etapas de expansão bem mais difíceis, que se estenderiam de 1839 até 1855.

Mas, ao se iniciar o século XX, a *ocupação dos territórios marginais da Eurásia* e o posicionamento de que já disputava, levariam Mackinder a classificar o vasto império como o *heartland*, ou *coração da Terra*. Império que se estendia de Kaliningrado, no Báltico, até Vladivostok, no Pacífico, controlando praticamente a "ilha mundial", mas sem conseguir satisfazer-se dentro da *teoria de Mahan*, já que o Bloco Ocidental

mantinha os principais acessos oceânicos.

CONCEPÇÃO GEOESTRATÉGICA

Em 1870, Napoleão III era vencido em Sedan, surgindo a Alemanha como nação unificada. Desafiada a França, sua rival no continente europeu, a Inglaterra passava a ser, no *posicionamento russo*, o *perigo em potencial*. Era o Poder Marítimo da Inglaterra frente ao Poder Terrestre da Rússia, bipolaridade que se divisava mas que, face à dinâmica geopolítica já detectada por Tocqueville, desde 1835, não chegaria a se concretizar.

Assim, ao se iniciar o século XX, acontecimentos históricos marcariam o *prelúdio de uma nova ordem mundial*. Os Estados Unidos despontavam timidamente no cenário mundial, na categoria de nação emergente, enquanto a *Rússia*, buscando posicionamento geoestratégico no Pacífico, era derrotada pelo *Japão*. E, *nesse jogo da multipolaridade*, Von Tirpitz começava a construir um poderio naval para a Alemanha, já instalada no umbral do *heartland*, com invejável posiciona-

mento central geoestratégico, candidatando-se ao poder terrestre.

Diante desse cenário geopolítico, Mackinder, pouco antes da Primeira Guerra Mundial (1904), divulgava sua tese, "O Pivô Geográfico da História", destacando que a Alemanha, já em parte do *heartland*, se viesse a conquistar a Rússia, ainda mais desmoralizada em 1905 com a derrota para o Japão, poderia se tornar perigosa para o equilíbrio mundial.

Mas a Alemanha seria vencida na Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e já se aventurava a nova hegemonia. Dentro, pois, da dinâmica geopolítica, em plena Segunda Guerra Mundial, na Real Sociedade de Geografia (1943) Mackinder conjecturava: *se a União Soviética emerge dessa guerra como conquistadora da Alemanha estará classificada como primeira potência do Globo. Será, além do mais, a potência colocada, estrategicamente, em posição mais van-*

tajosa dentro do ponto de vista defensivo.

A aviação havia se firmado, mas Mackinder, que faleceu em 1946, subestimou o sobremodo esse 3º Poder, destacando ser o *heartland* a maior fortaleza natural do Planeta. Para ele o espaço russo estava cercado *por um manto de amplas defesas naturais: o Oceano Ártico coberto pelos gelos, a Lenalândia³ com seus bosques e montanhas, bem como as áridas mesetas da Ásia Central.* Apontava porém, como fator negativo, *uma grande entrada de mil milhas de largura através da qual a Europa peninsular penetra na planície central pelo istmo, entre o Mar Báltico e o Negro.* O *heartland* russo tinha assim um *manto protetor incompleto* que, depois da Segunda Guerra Mundial, a Rússia conseguiu solucionar, pondo sob seu controle a *Cortina de Ferro como sua retaguarda defensiva.*

Em sua concepção geoestratégica Mackinder te-

meu que a Alemanha se apoderasse do *heartland* — e esse país tentou, de fato, o poder terrestre nos dois conflitos mundiais. Já em 1943, temia bem mais a União Soviética, detentora do *heartland* e que, bem mais por previsão geoestratégica de Churchill do que de Roosevelt, não foi permitido a Stalin complementar, englobando toda a Alemanha que seria assim, em nome do *equilíbrio mundial*, dividida entre os que não mais eram os aliados do conflito mundial.

Caracteriza-se o *espaço russo por uma extensa planície.* O setor europeu é separado do asiático, denominado Sibéria,⁴ pelos Urais, montanhas com 2.400km de comprimento com altitudes de 1.700 metros, seguindo ao longo da fronteira com a Finlândia, o *Khibin*, com 1.000 metros acima do nível do mar.

Emolduram ainda essa vasta planície *relevos montanhosos de periferia* formando fortes *barreiras naturais.* São eles: o Cáucaso entre os mares Negro e Cáspio; montanhas da Ásia Central circundando o Pamir, não se prestando para a comunicação com os vizinhos e que, seguindo rumo

³ Área que Mackinder posicionava a leste do lenissei, com o Rio Lena como acidente mais importante, dotada potencialmente de reservas naturais estrategicamente bem situadas.

⁴ Só este setor forma a maior planície do Mundo com 7.000km dos Urais ao Estreito de Bhering; essa área de 12 milhões de km² forma aproximadamente a quarta parte do continente asiático.

ao Extremo Oriente, são difíceis de serem flanqueadas, partindo-se da Sibéria em direção ao mar.

A *fisiopolítica russa* transformou-se assim, dentro do enfoque geoestratégico, no maior aliado dentro do contexto *heartland*, fato registrado pela História como *poderosa arma defensiva*, frente à qual grandes exércitos caíram pela fadiga. Trata-se da propalada *tática da terra arrasada*, ante a possibilidade ilimitada do movimento que esse espaço geográfico proporciona, onde o recuo se transforma numa vitória que proporcionará outras vitórias.

Em 1821, Napoleão Bonaparte, desejando incorporar esse *heartland* ao seu crescente império, invadiu esse espaço vencendo, em Borodino, o exército do Czar Alexandre I, tomando Moscou. Impôs-se então a tática da "terra arrasada", com a capital russa incendiada por

seus moradores, tornando efêmero o triunfo napoleônico, já que o imperador dos franceses seria vencido pelo "general inverno", refazendo o caminho de volta com inúmeras vidas perdidas pelo frio, fome e rechaço das tropas do czar.

Nova investida contra esse *heartland* seria efetuada pelas *tropas nazistas* de Adolf Hitler, no verão de 1941. O exército russo caía, enquanto Stalin ordenava a tática da "terra arrasada", suportando a violência alemã em Leningrado (atual S. Petersburgo)⁵ e Stalingrado (atual Volgogrado), para se refazer e empreender a contra ofensiva em 1943, culminando a marcha em Berlim.

A Segunda Guerra Mundial transformava a União Soviética em *fator defensivo na política mundial e seu poderio caminharia paralelamente com sua extensão*. Extensão em *espaço compacto*, bem definido então,

que o Governo de Moscou nada mais fez para incorporar do que *repelir para o oeste a pressão alemã e deslocar-se imediatamente para o leste europeu*, que Churchill chamou de "Cortina de Ferro".

Controlava praticamente todo o *heartland*, detentora do Poder Terrestre mas, na bipolaridade com os Estados Unidos, detentora do Poder Marítimo, mantinha-se a URSS recolhida *por traz de mares marginais* — Báltico, Negro e Pacífico, controlados por outros países. O confronto geoestratégico correria por conta dos *Poderes Aéreos e Aeroespacial*.

Atingia a URSS novas fronteiras mas não novos mares e, a despeito da *estratégia da russificação*, não conseguiria integrar as *nacionalidades marginais de seus vizinhos*.

Dá a rivalidade, sobretudo com a China, cujas reclamações contrárias aos limites traçados pelo Tratado de S. Petersburgo (1871) vão desde o Lago Balkash até o Rio Zeya, incluindo, no Extremo Oriente, a cunha que abriga o estratégico porto de Vladivostok.

Aí também está o *ponto nevrálgico do Mar de Okhotsk*, onde o Japão plei-

⁵ Durante 2 anos e 280 dias, os habitantes dessa cidade viveram sem água, com alimentos racionados, sem calefação, nem banho; cerca de mil homens morreram ao longo do sítio pelas tropas nazistas. O escritor Nikolau Tikhonov descreve o panorama diário: *Nas trevas se divisava às vezes, por cima dos telhados, os incêndios vermelhos que faziam ressaltar as negras esquinas das casas, a inclinação dos tetos, uma janela sem vida, hermeticamente fechada, e o pavimento resvalado e deserto... Tal era a Avenida Nevski na época do sítio de Leningrado. A cidade tinha que ficar na obscuridade, não se devia ver uma luzinha que fosse, e não se via.*

teia o sul da Sakalina e as Kurilas, que eram suas antes de 1945.

Do outro lado, despontam também *fronteiras de latente tensão*, em territórios anexados após a Segunda Guerra Mundial: a Bessarábia/Bukovina, da Romênia; a Rutênia, da antiga Tchecoslováquia; a Carélia/Petchenga, da Finlândia, 46% do espaço polonês e, ainda, a *Prússia Oriental*, parte do núcleo geohistórico alemão.

Com a independência da Letônia, Estônia e Lituânia, o desmembramento da "Cortina de Ferro", a separação da *Geórgia* que outras nacionalidades deverão seguir, começando pela *Chechênia*, é incerto o destino da Federação Russa. Destino que, parece refletir, sobremodo, o Império Romano que implodiu geopoliticamente da periferia para o interior.

REVOLUÇÃO

Os domínios da URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas) ou SSSR, segundo nomenclatura russa, ocupavam a Eu-

ropa Oriental, todo o norte da Ásia, parte do setor central asiático e o istmo caucásico. O espaço soviético envolvia, em sua totalidade, 21.342.000km², com 1/4 aproximadamente pertencendo a Europa, correspondendo a maior parte aos domínios asiáticos. Ocupava, na *direção norte/sul*, 42 graus e, no leste/oeste, 163 graus, com paralelo de 50° atravessando-lhe o meio e com o sol precisando de umas 11 horas para percorrer essa área. Era duas vezes mais extensa que o continente europeu, representando a *sexta parte do Globo*. Suas fronteiras terrestres eram mais de duas vezes inferior em extensão às marítimas. Totalizando 65.000km, no conjunto, em terra, quase a metade (45%) corresponde aos limites China/Mongólia.

O conjunto político que, em 1917, deixou de ser império, passava a ser constituído por 15 *Repúblicas Socialistas Soviéticas*, a maior das quais a própria Rússia, e por 20 *Repúblicas Soviéticas Autônomas*, posicionadas, em sua maioria, em torno do *núcleo geohistórico moscovita*.

Integraram também esse vasto espaço vital, além das

áreas nacionais, os *okrugs*, quase todos dominando estrategicamente o *Ártico*, cujas ilhas, o princípio da defrontação, do Senador canadense Pascal Poirier, entregou ao domínio de Moscou. Faziam ainda parte do conjunto administrativo os *oblasts*, autônomos, necessários onde eram mais atuantes os "quistos" étnicos.

Teoricamente, todas as repúblicas tinham governos, legislaturas e até mesmo partidos próprios, muito embora, na realidade, as decisões fossem sempre tomadas pelo *Politburo*,⁶ em Moscou, e transmitidas a todo o território para a devida implementação.

Dividida, porém *russificada*, 82% da população era dita russa, predominante sobre *minorias nacionais*, reconhecidas como em número de 169 desde o censo de 1926. Autêntico mosaico étnico coabitava a União Soviética, formado por *eslavos* (russos, ucranianos, bielorrussos, eslavos do norte e do sul), *turcos* (tártaros, chuvashs, baskirs, usbeks, bazaks, kirguizes, turkmenistãos, azers e outros), *caucásicos* (georgianos, armênios e dagestanis), *finoungrianos* (mordovínios, udmurts, maris, komis,

⁶ Órgão político do Comitê Central do Partido Comunista.

karels, finos e estonianos); além de *eslavônicos* do Báltico, *judeus, rumenos, alemães e iranianos*.

A *russificação dessas nacionalidades* vinha sendo imposta desde o tempo dos czares. Implantando o regime comunista, o grande russificador seria o georgiano Joseph Stalin. Em 1955, depois de sua morte, foram feitas algumas concessões mas, surgindo *problemas nacionalistas* na Ucrânia, nas três repúblicas bálticas (Estônia, Letônia e Lituânia), na Armênia, na Geórgia e na Ásia Central soviética povoada por muçulmanos, foram suspensas as medidas "liberais".

Por outro lado, o renascimento do nacionalismo cultural viria reafirmar uma *centralização e uma política de assimilação*. Política essa corporificada no programa de 1961, preconizando a *eliminação de fronteiras entre as diversas repúblicas* para uma eventual "completa unidade". Tratava-se de evitar um possível *esfacelamento territorial*, muito embora, no exterior, o governo de Moscou defendesse o *desmantelamento dos impérios coloniais*, em nome da "autodeterminação dos povos oprimidos".

A *Constituição de 1977* era, na realidade, mais um programa político do que propriamente uma definição do mecanismo governamental. Pelo Artigo 3º, declarava que o Estado Soviético seria organizado e funcionaria de "acordo com o centralismo democrático", diluindo assim as idéias de Lenine, grande opositor do unitarismo, que optava por um Estado multinacional, federal, integral. E, muito embora essa Constituição declarasse que as repúblicas gozavam do direito nominal de se separar do resto do país, diante dos atos não passava de pálida vela acesa no altar do federalismo.

Complementava porém o *sececionismo* o fato de o vasto complexo territorial soviético manter sua *economia nos moldes de autêntico império colonial*. Havia, de um lado, a "metrópole", onde se concentrava o complexo industrial militar, em detrimento das "colônias" com indústrias leves e pesadas. Tratava-se de um jogo político, no qual a metrópole explorava as colônias, regime do monopólio, transformadas em mercados dependentes, e sugando-lhes os capitais tão necessários, além de privá-la de seus re-

ursos vitais. Dentro desse sistema, face ao *déficit* de matérias-primas, por necessidades defensivas, a metrópole dava prioridade aos recursos para seu complexo industrial em detrimento das "colônias".

Rezava o Artigo 6º: *a força principal e o norteamento da sociedade soviética, o núcleo de seu sistema político, bem como o de todas as organizações políticas estatais é o Partido Comunista da União Soviética*. Nessas condições, se o Partido era dirigido por um sistema todo centralizado e se esse mesmo Partido era o fator decisivo na administração da economia, a descentralização não o atraía.

Essa *economia estatal, altamente paternalista*, refletia uma produção industrial sem concorrência, contrariamente ao que ocorria no mundo capitalista. A falta de concorrência diminuía os estímulos, mesmo diante dos prêmios que aumentavam o salário do trabalhador que apresentasse maior produção. O desestímulo gerava a inércia, já que o intermediário ou administrador da loja era também um burocrata ligado ao Estado burocrata que, por sua vez, levava o produto a um consu-



ORG. POR THEREZINHA DE CASTRO

midor que simplesmente não tinha escolha.

Curiosamente, essa aversão à iniciativa privada ou individual, não era tão marcante no *setor agrícola*. Mas, como meio para evitar a inflação, os *kolkhozes*, embora não fossem fazendas estatais como os *sovrozes*, tinham toda a sua produção adquirida pelo governo, a preço fixo.

E, no contexto, anulada a inflação, o sistema econômico soviético conseguia manter, durante dez ou vinte anos, o mesmo produto ou o mesmo modelo antiquado a preços estáveis.

Cinco anos antes da implantação do regime comunista na Rússia, o sociólogo inglês Hilaire Belloc, em *The Servile State*, escrevia o seguinte: *Torna-se cada vez mais evidente que qualquer intenção de transformar o capitalismo em coletivismo não resultará de modo algum em coletivismos, e sim em algo que os coletivistas jamais imaginaram. Este algo é o Estado-Servil, um Estado no qual as massas humanas serão obrigadas, por lei, a trabalhar em benefício de uma minoria.*

Minoria essa que o Kremlin designou como *nomenklatura*, palavra que

exprime "quem é quem", incluindo todo aquele que era patrocinado pelo Governo soviético e que, com sua família totalizava menos de 1% da população. Eram poucos os da cúpula, que possuíam a mordomia de *kremliovka* ou alimentos selecionados, das *datchas* ou casas de campo, privilégio que não cabia nem mesmo aos membros e filiados diretos do Partido Comunista.

Durante o regime comunista os *governantes eram escolhidos* por simples troca de uma equipe política por outra. E, curiosamente, o país era sempre governado pelos *líderes mais velhos do mundo*; não havia lugar para políticos aposentados, pois a idade média dos 14 membros do Politburo, o centro do poder, se situava na faixa dos 70 anos ou mais.

Não contando com um sistema formal de transferência do poder, os velhos dirigentes temiam abrir as portas para os mais jovens. E ia nisso o princípio de que *o Estado Soviético podia ser fisicamente débil, mas era ideologicamente forte*. Ainda dentro desse princípio, o *Congresso do Partido* era, na prática, um catalisador político; não formulava políticas quando se reunia,

muito pelo contrário, confirmava as fórmulas já discutidas pelas altas autoridades do Partido e devidamente aprovadas pela liderança.

O 26º Congresso do Partido, reunido em fevereiro de 1981, embora sustentando críticas ao sistema econômico vigente, não conseguiu superá-lo, pois o Estado teria que ceder e não poderia fazê-lo a ponto de interferir na base, que constituía o *sistema de lealdade partidária*.

As *renovações bastante sutis* só ocorriam durante as mudanças de cúpula — *de Stalin para Krutchev, deste para Brejnev*, que faleceu em 1982, quando o regime já mostrava sinais inequívocos de fragilidade.

Uma anedota refletia então a impressão geral sobre o Estado dos governantes soviéticos. Contava-se que, num trem com destino à terra prometida dos comunistas, viajavam Joseph Stalin, Nikita Krutchev e Leonid Brejnev. Eis que o trem enguiça. Imediatamente Stalin ordena que sejam fuzilados os tripulantes. Como tal medida de nada adiantou, Krutchev assume o comando, reabilitando e condecorando postumamente, os tripulantes. Não se resolvendo mesmo assim o problema,

caberia a Brejnev o comando, que finalizaria a questão dando a seguinte ordem: *baixem as cortinas, e façamos de conta que o trem está se movendo.*

E, assim, o sistema se impunha dentro da concepção de Lenine, de que a política é assunto para profissionais, e os profissionais eram os que pertenciam à cúpula do Partido Comunista.

O *povo*, que nada tinha a ver com a política, devia se ater ao princípio de olhar, mas não participar, vivendo num sistema estruturado de tal maneira que o cidadão só poderia chegar ao poder se fizesse parte da *hierarquia* que o levasse até o governo. O homem do povo podia escrever para os jornais,⁷ mas consciente de que havia *censura*, daí conformar-se que seus meios de agir eram — a *adesão* ou a *abstração*.

A *família soviética* contava com educação gratuita, aluguel simbólico, transpor-

te público barato, serviço médico subsidiado ou grátis e alimentação no local de trabalho. O problema começava, porém, quando se esperava qualidade em tudo que era oferecido. A má qualidade era suportada, pois no país não havia competição. Tinha-se que suportar, até mesmo, o abastecimento irregular dos *gastronomes*, os supermercados do Governo, onde não faltavam as longas filas.

A família soviética contava com educação gratuita, aluguel simbólico, transporte público barato, serviço médico subsidiado ou grátis e alimentação no local de trabalho. O problema começava, porém, quando se esperava qualidade em tudo que era oferecido.

O *sistema de censura soviético* era não só cuidadoso com as notícias concernentes a própria vida privada da classe dirigente, como ainda sobre assuntos não interessantes ao regime vindos do Ocidente. Para sustentar, *as fronteiras do país* deviam estar vigiadas e, quando necessário, hermeticamente fechadas.

Assim, os turistas estrangeiros só podiam passar por determinadas estradas, sem ver um só dos vários povoados proibidos, os *koljoz*. Tanto cuidado tomava a *Intourist*, agência turística estatal, que determinava até mesmo as chamadas "zonas abertas" para as viagens. E, dentre as 33 cidades com mais de 500 mil habitantes incluídas nessas "zonas abertas", 20 não podiam ser visitadas significando que milhões de cidadãos soviéticos jamais se encontravam com um estrangeiro durante toda a vida.

Sem contar com a oposição popular, a União Soviética mantinha satisfeitos os *seus teóricos* e sobretudo os *militares*, objetivando sempre a crescente capacidade terrestre, marítima, aérea e aeroespacial que *possibilitava ao país intervir* e se promover *em escala mundial*, observando-se, conseqüentemente, que o único setor da indústria soviética que vinha funcionando satisfatoriamente era a dos *armamentos*. Mesmo assim, a maior parte desse material bélico era entregue aos países satélites ou comercializado a longo prazo.

⁷ O Pravda, significando "verdade", fundado em 1912, passou, a partir de 1917, a ser o porta-voz oficial do Comitê Central do Partido Comunista.

Parte ínfima era vendida no exterior em troca de moeda viva. Daí, mesmo funcionando satisfatoriamente, a produção bélica significava outra carga a mais para o orçamento soviético.

Mesmo assim compensava, pois em *política externa* os russos seguiam o lema de Lenine — “enfriar a bala até onde puder”. E, na consecução dos *objetivos expansionistas* ou *intervencionistas*, procuravam a *liderança da revolução mundial*, ajudando os movimentos declaradamente comunistas.

A *doutrina militar do Kremlin* na fase da invasão alemã na Segunda Guerra Mundial, estabelecia que a União Soviética devia assumir a defensiva no caso de iminente conflito bélico — doutrina só defensiva na teoria, pois na prática mostrou-se sempre *mais ofensiva*. Seguiu, antes de tudo, o princípio de que para evitar um ataque ao território soviético era necessário o uso da ação militar contra o inimigo prestes a se re-

belar. Justificou-se assim, a invasão da Hungria (1956), da Tchecoslováquia (1968) e a intervenção no Afeganistão (1979). Observando-se que a definição de *Guerra Fria* atribuída ao financista estadunidense Bernard Baruch, não seria jamais aceita pelo Kremlin como

Com serviço militar obrigatório a partir dos 18 anos, com reservistas até os 50 podendo ser convocados, o tempo no Exército/Aeronáutica era de 2 anos, chegando aos 3 na Marinha e no Corpo de Guarda da Fronteira.

confronto entre o Ocidente e o Oriente. A ação soviética era tida como a de uma *coexistência pacífica*.

“Coexistência pacífica” que mantinha o efetivo militar soviético dividido em 5 serviços principais: Exército, Marinha, Aeronáutica, Força de Foguetes Estratégicas e Forças de Defesa, além das Forças Pára-militares, incluindo guardas fronteiriços e tropas de segurança interna com destaque para a KGB,⁸ a polícia secreta.

Com serviço militar obrigatório a partir dos 18 anos, com reservistas até os 50 podendo ser convocados, o tempo no Exército/Aeronáutica era de 2 anos, chegando aos 3 na Marinha e no Corpo de Guarda da Fronteira.

Os sucessivos governos “gerontocráticos” que se vinham sucedendo desde Stalin construíram e organizaram *Forças Armadas poderosas*, superioridade que se fazia atuante com *líderes militares* transformando-se nos *pilares do regime e civis burocratas* abrigando-se sob seu manto, pois Stalin foi “Generalíssimo”, Krutchev era “General” e Brejnev se autoproclamou “Marechal da União Soviética”.

Deve-se ressaltar que, em 1924, Lenine morria passando o poder para Stalin, quando se estabeleceu uma luta surda pela sucessão com Trotsky que, deportado para a Sibéria, foi depois exilado e assassinado no México.

CONTRA-REVOLUÇÃO

A partir de 1982, com a morte de Brejnev, a fragilidade mostrava-se na própria condição física dos

⁸ Sigla de *Komitet Gosudarstvennoi Bezopasnosti*, órgão que tinha por função zelar pela segurança do Estado.

seus sucessores. Assim, Iuri Andropov morria 15 meses após assumir o cargo, Konstantin Tchernenko sobreviveria apenas 13 meses à frente do governo, *abrindo-se naturalmente os caminhos para a contra-reforma.*

Os velhos líderes russos haviam ressuscitado o totalitarismo nacionalista militar que, em regimes de direita, havia caracterizado o facismo e o nazismo. O povo autodirigido confiava nas armas; renascia o antigo conceito czarista da "rotina" ou mãe-pátria, que Marx e Lenine tanto abominavam.

Em março de 1983, os Estados Unidos lançavam o IDS, mais conhecido como *Guerra nas Estrelas*, obrigando os novos líderes soviéticos a pensar nos efeitos internos que a investida em novos armamentos poderia provocar. E, assim, na luta pelo poder abria-se o caminho para o reformista Mikhail Gorbachev, que assumia os destinos do país em março de 1985.

Lançaria duas palavras de ordem: *glasnost* (transpa-

rência) e *perestroika* (reestruturação) — a primeira significando abrandamento da censura, e a segunda critérios de eficiência na gestão da economia. No âmbito externo multiplicaram-se os encontros Gorbachev/Reagan, que levavam o Eixo Leste/Oeste para o campo da *distensão*. Era a "Guerra Fria", que desaparecia, passo a passo, nas reuniões de Genebra (novembro de 1985), Reikjavik (outubro de 1986) e Washington (dezembro de 1987).

Nesse mesmo ano de 1987, em programa de *distensão interna*, eram libertados os prisioneiros políticos, iniciando-se manifestações populares de caráter nacionalista ou democrata, entre as quais a dos tatars da Criméia, em Moscou, exilados coletivamente por Stalin (julho de 1987), as reivindicações pró-eleições livres na Estônia e Armênia (fevereiro de 1988), o movimento separatista no Karabash, povoado por 80% de armênios mas administrado pelo Azerbaijão, e dos pogroms⁹ muçulmanos do Sumgait (fevereiro de 1988).

Não tardaria o efeito dominó nas chamadas *democracias populares*, os satélites soviéticos da "Cortina de

Ferro", com movimentos na Hungria (março de 1988), greves do Solidariedade, *sindicato polonês* (abril/maio de 1988), na Tchecoslováquia (agosto/outubro de 1988), culminando com a queda do Muro de Berlim (novembro de 1989), e o fim do Pacto de Varsóvia (julho de 1990).

Revelando-se devastador por um lado e ilusório pelo outro, o processo de abertura passa a contar com a oposição dirigida por Boris Yeltsin.

Como a Declaração de Soberania estabelecia o primado da Rússia sobre os demais membros da União Soviética, esvaziava-se a autoridade de Gorbachev e elegia-se, em 12 de junho de 1991, Boris Yeltsin.

Já em agosto, setores conservadores do Partido Comunista e das Forças Armadas tentavam restaurar a linha dura no leme do Estado Soviético, frustrando-se a tentativa de golpe com a mobilização popular.

Decretava-se o fim da URSS no dia 8 de dezembro de 1991, substituída pela CEI (Comunidade de Estados Independentes), na prática um mero fórum, sem governo central, para coordenação entre as repúblicas

⁹ Termo russo dado aos massacres inicialmente contra judeus, organizados com o beneplácito ou conivência do próprio governo.

que se tornavam independentes. A Comunidade era criada pelas 3 repúblicas eslavas — Rússia, Ucrânia e Bielorrússia (atual Bielarus). Não tendo outra alternativa, os espaços muçulmanos, no dia 21 de dezembro, no Encontro de Alma Atá no Kazaquistão, se anexavam ao trio.

Desaparecida a URSS como “sujeito de direito internacional”, a Rússia se transformava de fato na sua herdeira, no gesto da troca de bandeiras — a vermelha com foice e martelo pela branca, azul e vermelha, até 1917 símbolo do czarismo.

Dissociada a CEI do comunismo, o PCUS (Partido Comunista da União Soviética) perdia seu monopólio decisório, transformando-se nas demais repúblicas em *partidos nacionais*. Na guinada para o capitalismo, implantava-se a *economia de mercado*, com grandes empresas privatizadas se transformando em sociedades acionárias.

Nesse dividir para democratizar, a Rússia perdia o

controle das *Forças Armadas da CEI*, não impedindo mesmo que se criassem *exércitos nacionais*, moedas separadas e, até mesmo, conflito entre as repúblicas, como o ocorrido com a Ucrânia, na repartição da Armada sediada em Sebastopol e a entrega da Criméia.

Desaparecida a URSS como “sujeito de direito internacional”, a Rússia se transformava de fato na sua herdeira, no gesto da troca de bandeiras — a vermelha com foice e martelo pela branca, azul e vermelha, até 1917 símbolo do czarismo.

Detectado o “barril de pólvora”, tornava-se necessária a conclusão de um *Pacto de Segurança Coletiva*,¹⁰ firmado em 15 de maio de 1992, levando, dez dias depois, a Rússia e o Kazaquistão, as *duas potências nucleares*, a um acerto e ordenação de suas políticas militares e econômicas. Poucos dias depois, em 23 de maio, os Estados Unidos firmavam um protocolo de aplicação do START com as *4 potências nucleares* — Rússia, Kazaquistão, Ucrânia e Bielorrússia, sendo que

as três últimas renunciavam às armas nucleares e aderiam ao TNP.

Embora as *correntes geopolíticas centrífugas continuassem a agir*, o conjunto multinacional, em 21 de março de 1993, transformava-se em *Federação Russa*. Instável também, essa sucessora da CEI, já que a destruição da URSS não foi fruto de vontade geral, havendo mesmo, entre os democratas, os que consideram ter sido o fim da “União” um gesto aventureiro ou, até mesmo, uma tragédia. Tragédia que, nas eleições legislativas de dezembro de 1993, daria

destaque a extrema direita, liderada por Vladimir Jirinovski, obtendo 24% dos votos para sua organização neofascista, chovinista e anti-semita, pregando o retorno às fronteiras do Império Russo.

Concluindo-se que a Federação Russa é uma “URSS reduzida”, constituindo-se também numa *incógnita multinacional* que tem tudo para se polarizar, por contar, no seu interior, com *autodomínios nacionais* que, como a *Chechênia*, por exemplo, sem dispor de es-

¹⁰ Rússia, Armênia, Kazaquistão, Usbequistão, Tadjiquistão e Turcomenistão.

truturas estatais, luta por sua independência.

Por outro lado, o *risco da secessão* subsiste, tanto no interior quanto na periferia, onde o *islamismo*¹¹ quer voltado para a ocidentalista *Turquia*, quer fundamentalista aliado ao *Iran*, no *Eixo Pan Rússia de Haushofer*, se impõe, face a ausência de estrutura unificadora.

A Federação Russa com superfície avaliada em 17.075.400km², ou seja 3/4

da antiga URSS é nome também provisório, com as Kurilas reivindicadas pelo Japão e sem escapar de possíveis ajustes territoriais na própria Europa, por países que se estendem desde o Báltico ao Mar Negro.

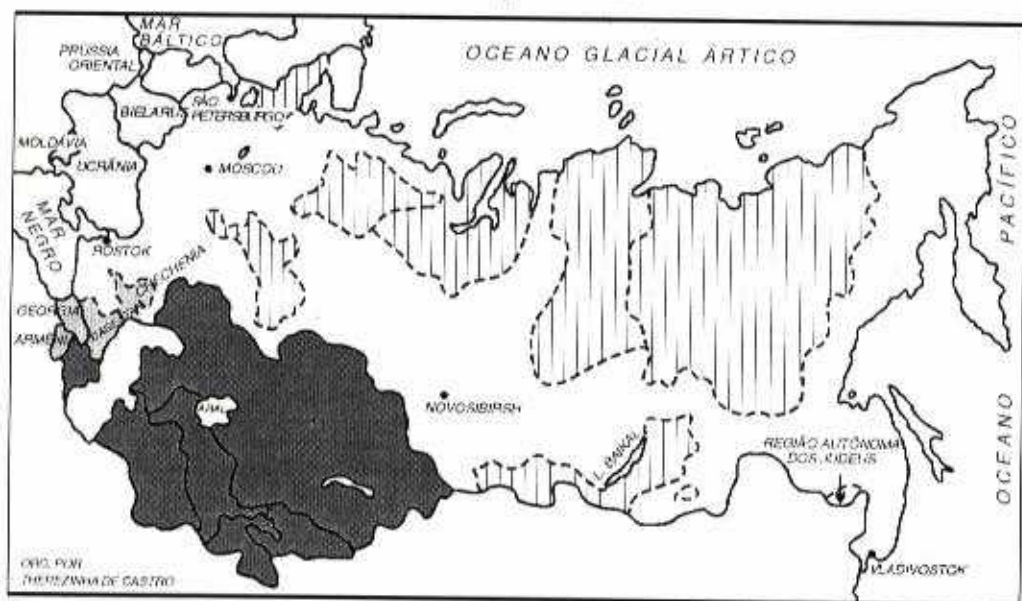
Com política externa orientada para a Europa, candidata à UE (União Européia) e à OTAN, aderiu, em 27 de abril de 1992, ao FMI, não podendo pelas dimensões da Sibéria, sua

área geopolítica neutra, abdicar de sua *vocação asiática*.

CONCLUSÃO

Carecendo das *tradições ocidentais* do burgo e da nobreza independente, que puderam, na Europa, limitar o poder central, a *Revolução Bolchevista* (novembro de 1917) implantou na Rússia uma *força ideológica bem original*.

FEDERAÇÃO RUSSA



□ REPÚBLICAS ESLOVAS □ TRANSCAUÁSIA ■ REPÚBLICAS MUÇULMANAS □ REPÚBLICAS E DISTRITOS AUTÔNOMOS

¹¹ Além do Azerbaijão, Turcomenistão, Usbequistão, Tadjiquistão, Kirguísia e Kasaquistão, no coração da própria Rússia o perigo está nas Repúblicas Autônomas do Tatars e Bachkir.

Essa originalidade surgiria em função do *antagonismo que sempre existiu entre os ideais de Marx e Lenine*. Para o criador do chamado comunismo a base de tudo seria a emancipação do indivíduo numa *sociedade sem classes*, livre da coerção, exploração e da própria guerra. E tal base marxista deveria ser implantada pela *revolução do proletariado*, nos países industrialmente avançados, como a Alemanha e a Inglaterra, e não numa Rússia caracterizada agrícolamente.

Contrariamente, pois, às tendências marxistas, a revolução comunista era implantada na Rússia, seguindo-lhe as tendências geohistóricas. E, numa adaptação do marxismo, Lenine adotava o *slogan da ditadura do proletariado*, estendendo-o como um poder absoluto, *institucionalizado num Partido de Vanguarda*. E foi justamente esse Partido que, adaptando-se ao po-

der absoluto já vigente na Rússia, embora falando em nome do proletariado, passava a agir, independentemente de sua vontade real.

Criava Lenine um *marxismo afastado de suas idéias ocidentais*, adaptando ao *status quo* não ocidental da tradição histórica russa, justificando-se a criação dos *soviets*¹² servindo de base a um país destituído de qualquer organização democrática de massas.

No entanto, o *leninismo* transformaria a Rússia numa *potência mundial*, sem concretizar o ideal marxista de uma sociedade sem exploração, coerção ou guerra, implantando um *governo totalitário* que manteve posição de *hostilidade às empresas privadas do capitalismo*.

Falhando como força revolucionária no Ocidente, não conseguindo implantar sua ideologia em nenhum país industrial avançado, o *leninismo manteria um mundo fundamentalmente*

dividido. Mundo dividido política e economicamente e, conseqüentemente, *antagônico sob o ponto-de-vista militar*.

Nos países ocidentais industrializados, *democracia e pluralismo* estavam de tal forma vinculados, com *classes médias tão fortes* que, sem respeitar tais realidades, o leninismo não encontraria chances.

A exportação do leninismo não se coroou de êxito porque os chamados Partidos Comunistas de massa, criados nos países industrialmente avançados, abandonaram solenemente os princípios russos. Na Europa surgia o *eurocomunismo*, enquanto a China implantava a sua *revolução cultural*.

Conseguindo na "Cortina de Ferro" implantar a sua *faixa protetora de Membros do Kominform*¹³ a Rússia nada mais faz do que lançar as bases para novas formas de *conflitos nacionais entre Estados comunistas*. Tentando forçar o conformismo ideológico na *Iugoslávia* acabou por afastá-la da submissão, desembaraçando-a, tal como a China, das amarras do *internacionalismo proletário soviético*.

¹² Palavra russa significando assembléia ou conselho político eleito por organizações econômicas; mais comuns, pois, no ocidente, sob a forma de sindicatos.

¹³ Centro de Informações dos Partidos Comunistas criado pela Conferência de Verona (setembro de 1947) e dissolvido em abril de 1956, sucedeu ao Komintern, nome dado pelos russos a III Internacional Comunista (março de 1919 a maio de 1943).

Como novas perdas seriam perigosas para a Rússia, levaram Krutchev a *esmagar, pela força militar*, a Hungria e a Tchecoslováquia, enquanto Brejnev teve que anestesiar o liberalismo que surgia na Polónia.

Destacando a Constituição da URSS, em seu Artigo 28, que se impunha o dever de *consolidar a situação do socialismo mundial, apoiando as lutas dos povos pela libertação nacional e pelo progresso social*, era criado um movimento internacional dentro da chamada

estratégia da *Frente Popular*. Isso permitiria aos soviéticos *conquistar adeptos* em outros países e, até mesmo, *influenciar a política* de alguns governos, porém no *âmbito do Terceiro Mundo*.

Desfeito o Eixo Leste/Oeste, acabaram-se os Primeiro e Segundo Mundos. Findava-se a Geopolítica do Confronto que alimentava, desde 1945, a bipolaridade URSS/Estados Unidos. Iniciava-se a fase Multipolar dos Eixos Norte/Sul, apresentando-se, ao lado dos Estados Unidos, outros dois Estados Diretores — Japão

e Alemanha. E, nesse cenário, o desmoronamento da União Soviética não reforçou a *Federação Russa, caracterizada como autêntica geopolítica de decomposição*, lutando com o *elemento espaço de fronteira flutuante* em constante alteração, a que se junta a fragilidade de Yeltsin com saúde abalada, e que, em maio de 1997, não conseguiu impedir que a Polónia, a Hungria e a República Tcheca fossem admitidas na OTAN, Organização onde a Rússia poderá, sem direito a voto, simplesmente opinar nas decisões. 

BIBLIOGRAFIA

- BRUCHAT, Jean. *História da URSS*. Difusão Européia do Livro, S. Paulo, 1961.
- CASTRO, Therezinha de. "Império Soviético: Marxismo e Leninismo". *A Defesa Nacional*, nº 695, maio/junho de 1981.
- . "Sibéria: de Mackinder a Andropov". *A Defesa Nacional*, nº 711, janeiro/fevereiro de 1984.
- CHALIAND, Gérard e RAGEAU, Jean-Pierre. *Atlas Strategique (Géopolitique des Nouveaux Rapports de Forces dans le Monde)*. Editions Complexe, Librairie Arthème Fayard, Paris, 1988.
- GIRAULT, R. e FERRO, M. *De la Russie a L'URSS. Histoire de la Russie de 1850 a Nos Jours*. Nathan, Paris, 1989.
- LESGAFT, E. F. *Geografia de la Russia Soviética*. Editorial Labor S. A. Barcelona, 1930.
- MARENCHES. *Atlas de Geopolitique*. Stock, 1986.
- MOOREHEAD, Alan. *A Revolução Russa*. Instituição Brasileira de Difusão Cultural, S. Paulo, 1960.
- ZORGBIDE, Charles. *L'Après — Guerre Froide en Europe*. Presses Universitaires de France, Paris, 1993.



COLEÇÃO GENERAL BENÍCIO

1. Canhões de Agosto Barbara W. Tuchman

Obra notável da historiografia contemporânea. Apresenta, em forma de narrativa literária e estilo jornalístico, aspectos humanos e profissionais de estadistas, políticos, estrategistas e técnicos, pinçados à luz de fatos, fatos e comportamento ético-pragmático. A autora se propõe a compreender a inteligência do pensamento político-estratégico-militar da Europa da segunda metade do século XIX e início do século XX, culminando no irrompimento da Primeira Guerra Mundial.

2. O Choque de Civilizações Samuel P. Huntington

Samuel P. Huntington introduz, partindo de avaliação histórico-cultural, a tese da revisão do conceito tradicional ocidental de uma "civilização universal" para a definição de várias "civilizações", com núcleos, culturas e objetivos políticos e econômicos próprios. Trata-se de uma contribuição analítica e valiosa à pesquisa conjuntural de todo o intrincado processo dinâmico global, como o que se deparará a próxima geração.

3. O Dia D Stephen E. Ambrose

O livro apóia-se em 1400 minuciosos depoimentos de pessoas que, de uma forma ou de outra, participaram da Operação Overlord, no período da meia-noite de 5 para 6 até meia-noite de 6 para 7 de junho de 1944. Os depoimentos são integrados e analisados, e eles se juntando apreciações sobre o planejamento e execução das operações e as atitudes de comandantes e líderes aliados e alemães. Obra escrita em estilo de leitura fácil e atraente, prende a atenção do leitor e contém grande quantidade de informações para os estudiosos do assunto eA público em geral.

4. Introdução à Estratégia André Beaulre

Obra prefaciada pelo não menos célebre estudioso de assuntos militares, o Cap Liddell Hart, que a considera o tratado de Estratégia mais completo e mais cuidadosamente formulado dentre todos os que foram publicados ultimamente. O livro do Gen Beaulre é um esplêndido manual de Estratégia, claro, preciso e atual em suas apreciações e objetivo nas análises que apresenta.

5. Formação do Oficial do Exército Jeovah Molta

O livro é, ao mesmo tempo, um ensaio da história e um debate de assuntos pedagógicos. Em essência, aborda as questões das bases da estrutura intelectual e a evolução do ensino da formação dos oficiais do Exército Brasileiro desde a criação, em 1810, da Real Academia Militar.

6. Do Recôncavo aos Guararapes — Antonio de Souza Junior

Por ocasião dos festejos comemorativos dos 350 anos da vitória das embrionárias armas brasileiras sobre as holandesas na Primeira Batalha dos Guararapes é reeditada essa obra de fundamental interesse para os estudiosos de história militar brasileira. De leitura fácil, descreve as estratégias e táticas empregadas, apresentando de maneira detalhada os efetivos em confronto, bem como documentos e relatórios nacionais e holandeses sobre as duas Batalhas de Guararapes.

7. A Grande Barreira J. F. Maya Pedrosa

No meio civil, círculos universitários, políticos e dentre o público geral é de se esperar que o livro seja elogiado e criticado. Maya Pedrosa endereça sua obra "aos jovens que não viveram a confrontação ideológica no Brasil e ficam ouvindo versões condenatórias da conduta das Forças Armadas em suas intervenções históricas na política". Caso seus críticos, civis ou militares, publiquem reparos ou mesmo refutações ao trabalho do autor, ele se constituirá em um marco na história da participação do Exército na vida nacional.

8. Tempestade do Deserto Frank N. Schubert e Theresa L. Kraus

É a história da Guerra do Golfo (agosto de 1990 a fevereiro de 1991), em que uma espetacular força militar composta por uma coligação de países liderada pelos Estados Unidos, atuou contra o Iraque. Mostra o Exército norte-americano dos anos 90 e como foi empregado de baixo de fogo e sob a atenção do mundo. O livro, escrito em linguagem simples, direta e clara, como são as obras militares, é do maior interesse para os profissionais das armas, mas não faltarão civis dedicados ao estudo de História Militar capazes de o apreciarem.

9. Democracia na América Alexis de Tocqueville

Embora publicado no início do Sec. XIX, permanece atual e desperta interesse geral. "Democracia na América" exalta o valor do império das leis e da oportunidade para todos como truncamentos do regime democrático prevalentes na sociedade dos EUA no século passado. Trata-se de um clássico, que vem preencher uma lacuna na estante da Coleção Gen Benício.

10. O Brasil e a Globalização — Francisco de Assis Grieco

Trata-se de obra de interesse atual, de vez que aborda um dos mais controversos fenômenos contemporâneos: a globalização das atividades humanas, quer sejam elas econômicas, políticas, sociais ou culturais. O autor, Francisco de Assis Grieco, é Mestre em Economia pela Universidade George Washington e pós-graduado em Economia Internacional e Pensamento Econômico pela *London School of Economics and Political Science*, de Londres.

11. A Evolução Militar do Brasil Cel J. B. Magalhães

Após uma apresentação sobre as origens e transformações da guerra, o autor realiza um estudo das nossas instituições militares, examinando-as em cada período histórico distinto. "A compreensão e o justo julgamento da razão de ser da eficiência ou não do mecanismo militar nacional, reclamam análise atenta das circunstâncias de cada momento histórico" — esta é uma das conclusões apresentadas nesse estudo de leitura útil e interessante.

12. O Príncipe — Comentado por Napoleão Nicolau Maquiavel

A obra, elaborada a partir de um enfoque realista e humanista, dissecou o Estado, a ação política e seu agente — o político — mais como são do que como deveriam ser. Maquiavel se refere, nela, a um verso sócio-político específico e analisa fatos que lhe eram contemporâneos ou de ocorrência recente no encerramento do mundo medieval. Os comentários registrados por Napoleão, em 1816, apresentados em notas de rodapé, vem complementar este clássico escrito há quase cinco séculos, assegurando maior validade aos conceitos emitidos pelo forastino Maquiavel.

SEJA ASSINANTE DA BIBLIEX!

No final deste número da revista V, encontrará uma página com o "PEDIDO DE ASSINATURA" e maiores informações.

Ligação gratuita para todo o Brasil

(0800) 238365

E-mail: bibliex@aquarius.ime.et.br